

O MÉTODO DERÁSHICO E O NOVO TESTAMENTO

Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa

JESUS E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

Prof. Dr. Pe. Ari Luís do Vale Ribeiro

DA ANTROPOLOGIA À CRISTOLOGIA.
DA CRISTOLOGIA À ANTROPOLOGIA

Anderson Fasano

Pedro Donizeti de Campos

O PECADO ORIGINAL:
RAÍZES HISTÓRICO-TEOLÓGICAS
DE UMA CONTROVÉRSIA

Dayvid da Silva

A TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO:
NOVAS PERSPECTIVAS

Prof. Dr. Francisco Catão

PEDAGOGIA CATECUMENAL: MODA OU HERANÇA?

Prof. Dr. Antonio Francisco Lelo

ESPAÇO VIRTUAL, UM DESAFIO PARA A IGREJA

Prof. Dr. Mons. Tarcisio Justino Loro

SEÇÃO DE DIREITO CANÔNICO

DIREITO PENAL ROMANO E CANÔNICO

Prof. Dr. José de Ávila Cruz

AS CRÔNICAS: HISTÓRIA DE UM GÊNERO
E SUA ATUALIDADE

Prof. Dr. Mons. Rubens Miraglia Zani

RESENHAS

Revista de Cultura
Teologia



PONTIFÍCIA
FACULDADE
DE TEOLOGIA
NOSSA SENHORA
DA ASSUNÇÃO

O MÉTODO DERÁSHICO E O NOVO TESTAMENTO

Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa

RESUMO

Este artigo apresenta num primeiro momento, as raízes judaicas do kerygma cristão. Esta realidade histórica nos permite num segundo momento, inserir a formação dos escritos neotestamentários na rica tradição de releitura e interpretação judaica das Escrituras (derásh). Num terceiro momento, a título de exemplo, analisamos algumas perícopes da obra lucana (Lc-At), nas quais é possível identificar a presença do recurso deráshico das Escrituras, enquanto método exegético e abordagem hermenêutica.

Palavras-chaves: derásh judaico, derásh cristão, recurso às Escrituras, método deráshico.

ABSTRACT

This article presents, at first moment, the Jewish roots of the Christian proclamation (keygma). This historical reality then enables us, in a second moment, insert the formation of the New Testament into the rich tradition of re-reading and Jewish interpretation of the Scriptures (derash). Thirdly, by way of example, we analyzed some pericopes from Luke's writings (Lc-Act) in which is possible to identify the presence of the Scriptures source (derashic), as exegetical method and hermeneutic approaching.

Key-words: Jewish derash, Christian derash, Scriptures source, and derachic method.

INTRODUÇÃO

Atualmente nos encontramos num momento importante da história da exegese, no qual a necessidade de conhecer mais a fundo o judaísmo (seu modo de ler e interpretar as Escrituras e os seus fundamentos hermenêuticos) é reconhecido como uma condição indispensável para obter resultados confiáveis na interpretação do Novo Testamento¹. De fato, tem crescido entre os exegetas cristãos a consciência de que para aprofundar, com maior honestidade e sobriedade, o sentido dos textos neotestamentários faz-se cada vez mais necessário o conhecimento do método *deráshico*², o qual os constituiu inicialmente, como tradições orais e, posteriormente, como tradições escritas³.

Quando se analisa o passado, observa-se que esta consciência frente ao judaísmo foi perdida no interior do cristianismo ao longo dos séculos “pelo fato de que este desenvolveu uma teologia filosófica baseada mais nos valores gregos e menos numa teologia bíblica fundada em sua própria origem, a Tradição judaica”⁴. Tal realidade foi gerada principalmente por dois motivos histórico-culturais: 1) o cristianismo conheceu sua maior expansão e desenvolvimento no mundo greco-romano de cultura predominantemente helenista; 2) enquanto tradição escrita, o NT foi fixado em língua grega.

Diante dessa conhecida herança histórica, na atualidade, um número considerável de exegetas cristãos busca inserir suas pesquisas bíblicas dentro de um novo contexto de diálogo com a exegese e a hermenêutica judaica.

Neste artigo, apresentamos num primeiro momento, as raízes e os fundamentos judaicos da proclamação cristã. Este fato que nos permite, num segundo momento, inserir o surgimento dos escritos neotestamentários (a formação do NT) na rica tradição de releitura e interpretação judaica das

¹ TREBOLLE BARRERA, J., *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Introdução à história da Bíblia*, p. 20.

² CABA, J., “Métodos exegéticos en el estudio actual del Nuevo Testamento”, *Gregorianum* 73 (1992), 611-669, apresenta os diversos métodos exegéticos aplicados ao estudo do NT, entre os quais descreve o método *midráshico/deráshico* (pp. 658-667). O autor declara que “este método es el más antiguo de todos los métodos, en realidad, éste remonta tanto en el tiempo que es contemporáneo a la composición misma del NT; más aún, se le anticipa, ya que está presente en etapas anteriores del AT”. Por outro lado, esta abordagem é reconhecida pela PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Cidade do Vaticano 1993.

³ Cf. LENHARDT, P.- COLLIN, M., *A Torah Oral dos Fariseus. Textos da tradição de Israel*, p. 7.

⁴ PASSETO, E., “La influencia de la tradición oral de Israel en la tradición cristiana”, *El Olivo* 19 (1995) 7-20.

Escrituras (*derásh*), a qual era realizada nas sinagogas e na “*beit ha midrash*”. Num terceiro momento, a título de exemplo, analisamos algumas perícopes da obra lucana (Lc-At), nas quais é possível identificar o recurso *deráshico* das Escrituras, enquanto método exegético e abordagem hermenêutica.

1. AS ORIGENS E OS FUNDAMENTOS JUDAICOS DA PROCLAMAÇÃO CRISTÃ

Quando buscamos as origens do cristianismo todos somos unânimes em admitir que estas se encontram no interior do judaísmo. Para muitos, tal afirmação é óbvia e, aparentemente, supérflua. Porém, esta nos conduz a uma segunda verdade, nem sempre tão clara na mente de muitos cristãos, aquela de que o cristianismo não poderia nunca ser retamente compreendido se considerado em paralelo ao judaísmo. Ou seja, em suas origens, o cristianismo não pode ser pensado em relação ao judaísmo como uma realidade separada. Sabe-se que ao longo do primeiro século de nossa era, não existia nos grupos (círculos) cristãos uma consciência de ser uma realidade diferente do judaísmo. Pelo contrário, os membros do “caminho” consideravam-se detentores da herança de Israel, dos patriarcas, dos profetas.

O surgimento do *kérygma* cristão, isto é, da proclamação de fé em Jesus morto e ressuscitado como o Messias esperado, e sua posterior expansão foram favorecidos pela grande aceitação e difusão, no interior do judaísmo, do ensinamento farisaico referente à *Torá Oral*⁵. Foi graças à existência deste ensinamento que a proclamação cristã conheceu sua expansão inicial no interior das sinagogas, tanto na Palestina como na Diáspora. Esta convicção, defendida pelos fariseus e seus predecessores, tornou-se portanto, o terreno fértil, no qual a proclamação cristã lançou raízes profundas, consolidando-se progressivamente como um “novo” ensinamento.

Desde o início da época apostólica, “os adeptos do caminho” (At 9,2; 18,25.26; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) ou da “seita dos nazarenos” (At 24,5.14; 28,22), posteriormente chamados *cristãos* (cf. At 11,26), se vêem obrigados a estruturar e a dar razão de sua fé. Pois bem, dentro daquele contexto histórico-religioso não havia outro modo de fazê-lo senão, a partir das Escrituras. Assim, Jesus morto e ressuscitado, foi apresentado no interior das sinagogas (At 13,14-15; 14,1; 17,1-3.10.17; 18,4.19; 19,8.), diante de judeus e prosélitos (tementes e/ou adoradores do Senhor, simpatizantes do judaísmo) como O

⁵ Lenhardt, P.- Collin, M., *A TORAH ORAL DOS FARISEUS. TEXTOS DA TRADIÇÃO DE ISRAEL*, p. 9.

Esperado “segundo as Escrituras” (At 13,27.29.33; 17,11b). Surge então, a necessidade de encontrar nas próprias Escrituras, elementos que explicassem e justificassem a proclamação desta fé em Jesus. É, portanto, dentro deste contexto que nasce a interpretação e o ensino cristão das Escrituras.

Tendo como ponto central a fé em Jesus, morto e ressuscitado, como o Cristo (Messias) esperado, é que as comunidades cristãs vão ler e interpretar a “*Torá* e os *Profetas*”, ou melhor, reler e reinterpretá-los dentro de um novo contexto e diante de uma nova situação. Eis o *midrash* cristão!

Os frutos desta interpretação foram amadurecendo e tornaram-se progressivamente, as tradições orais cristãs, que mais tarde deram à luz às tradições escritas. Estas, por sua vez, dão testemunho da fé cristã formando o Novo Testamento.

A nova Tradição é propriamente cristã, contudo, não é autônoma; pelo contrário, está estreitamente vinculada à Tradição que a gerou, portanto, à Tradição judaica, quer seja na linguagem, no método ou nos elementos utilizados para expressar os conteúdos da fé nascente⁶. Tendo em mente esta realidade, podemos afirmar que o próprio Novo Testamento de início oral, e depois escrito, deve ser reconhecido como parte integrante e testemunho da *Torá* Oral. Ou seja, “o Novo Testamento é um capítulo da literatura judaica; mesmo que os autores tenham escrito em grego, não pensavam com as categorias de Aristóteles ou Platão, mas sim com as de Hillel e Shammai”⁷. Ou ainda, como afirma Trebolle Barrera “os primeiros escritos dos cristãos pareciam sob todos os aspectos, mais literatura judaica, e o cristianismo mais uma seita entre as existentes no judaísmo da época anterior ao ano 70 d.C.”⁸.

Ao trilhar este caminho de recurso à Tradição judaica, o cristianismo nascente fez, na verdade, o único caminho possível para firmar-se no interior do judaísmo como uma proclamação sólida, com fundamento e plena de sentido, onde Jesus é apresentado conforme o desígnio divino.

Neste recurso às Escrituras, realizado pelos hagiógrafos neotestamentários, devemos destacar que, para compor o *kérygma* cristão, os textos

⁶ PASSETO, E., “La influencia de la tradición oral de Israel en la tradición cristiana”. *El Olivo* 19 (1995) 7-20.

⁷ SPINETOLI, O. DA, “I problemi di Matteo 1-2 e Luca 1-2, orientamenti e proposte”, *Ricerche Storico Bibliche* 4 (1/1992), p. 38.

⁸ TREBOLLE BARRERA, J., *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Introdução à história da Bíblia*, p. 21.

citados são com frequência transportados de seu sentido histórico original e colocados a serviço do objetivo desejado: o testemunho de Jesus, o Cristo, “segundo as Escrituras”.

2. O MÉTODO DERÁSHICO NA FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

Os cristãos, filhos do judaísmo, quer seja na Palestina ou na Diáspora de fato, não inventaram um novo método de leitura e interpretação das Escrituras, mas utilizaram aquele existente na sinagoga⁹, ou seja, o método *deráshico*. Porém, não podemos ingenuamente, pensar que o *midrash* cristão é idêntico ao judaico; isto seria ignorar a diferença fundamental que se encontra na base da proclamação cristã.

Esta diferença consiste precisamente na chave hermenêutica própria: a pessoa de Jesus morto e ressuscitado como o Cristo, o Messias esperado. Isto, de modo tal que é a sua pessoa e missão que tornam inteligível seu próprio mistério anunciado nas Escrituras¹⁰. Por isso, o ponto de partida e de chegada é sempre Cristo, “daí que o *midrash* do Novo Testamento é sempre de cumprimento”¹¹. Isto é parte do fato frontal de Cristo e recorre ao Antigo Testamento para explicá-lo e confirmá-lo¹². Constata-se assim, que “a releitura cristã das Escrituras judaicas está subordinada à originalidade e à novidade do evento central do Novo Testamento: Cristo Jesus, o princípio hermenêutico, a partir do qual as Escrituras recebem uma luz nova e definitiva”¹³.

Segundo Água Pérez, para melhor aprofundar o *midrash* cristão, o Novo Testamento deve ser lido e analisado no seu conjunto, o que nos leva a perceber algumas variantes que o mesmo autor chama de esquemas de *midrash* desenvolvidos pelos hagiógrafos neotestamentários. Ao mesmo tempo, porém, é preciso recordar que embora existam algumas diferenças entre os esquemas, como veremos a seguir, todos têm como fundamento o cumprimento das Escrituras. São eles:

⁹ SPINETOLI, O. DA, “I problemi di Matteo 1-2 e Luca 1-2, orientamenti e proposte”, *Ricerche Storico Bibliche* 4 (1/1992), p. 23.

¹⁰ SPINETOLI, O. DA, “I problemi di Matteo 1-2 e Luca 1-2, orientamenti e proposte”, *Ricerche Storico Bibliche* 4 (1/1992), p. 23.

¹¹ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 227-230.

¹² ÁGUA PÉREZ, A., *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*, p. 84-85.

¹³ ÁGUA PÉREZ, A., *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*, p. 89.

- 1) Promessa/cumprimento;
- 2) Inserção/substituição;
- 3) Oposição/contraposição.¹⁴

Convém, ainda lembrar que esta divisão tem um caráter didático para melhor sistematizar a utilização do método *deráshico* no NT, mas, em nenhum momento, estes esquemas devem ser encarados como categorias puras, já que, em várias composições *midráshicas* de maior amplitude, verifica-se uma correlação de dois ou até mesmo dos três esquemas.

O esquema promessa/cumprimento é o recurso às Escrituras mais freqüente e amplamente difundido no NT, portanto, aparece no conjunto das tradições cristãs. Consiste, principalmente em considerar as Escrituras como anúncio, prefiguração, profecia e/ou promessa da pessoa e figura de Cristo¹⁵. A partir deste conceito, os hagiógrafos cristãos buscaram na Tradição veterotestamentária os elementos que serviam de anúncio, profecia e prefiguração do que eles entendiam como o acontecimento escatológico e soteriológico realizado e cumprido no Cristo morto e ressuscitado. É portanto, uma releitura das Escrituras a partir da fé em Jesus, o Cristo. Destacamos a seguir alguns exemplos:

Nos evangelhos, aplica-se a Jesus o título de “messias davídico”¹⁶ por meio de expressões tais como, “livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1,1), “o Senhor lhe dará o trono de seu pai Davi” (Lc 1,32-33) e “Hosana ao filho de Davi” (Mt 21,9). Por outro lado, aplicam-lhe também a figura apocalíptica apresentada no livro de Daniel “filho do Homem” (Mt 13,36-43; 16,27; 24,30; 25,31ss; 26,64; Mc 8,38; 13,26-27; 14,62; Lc 9,26; 12,8-9; Jo 5,27; Ap 1,13; At 7,56) e, à sua paixão, crucificação e morte, os cantos do “servo do Senhor”¹⁷ do segundo-Isaías (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12).

¹⁴ ÁGUA PÉREZ, A., *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*, p. 89.

¹⁵ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 231.

¹⁶ A fé na filiação davídica do Messias tem sua origem na interpretação da profecia de Natã ao rei Davi (2 Sm 7,11b-17), por meio da qual, este recebe a promessa de que sua casa real será firme para sempre diante do Senhor e, que para sempre um de seus descendentes ocuparia o trono. Os profetas Amós (9,11) e Oséias (3,5) fazem eco desta promessa davídica, o mesmo ocorre com Jeremias (23,5).

¹⁷ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 372-375.

Semelhante esquema pode ser observado na carta aos Hebreus, onde a figura sacerdotal de Melquisedec (Sl 110; Gn 14) é utilizada como tipologia para apresentar o sacerdócio de Cristo (Hb 7) como também, a elevação da serpente de bronze no deserto (Nm 21,4-9) serve como prefigura da “elevação” de Cristo (Jo 3,14-15; 12,32).

O mesmo se observa na utilização de alguns Salmos ou parte deles (Sl 22; 69; 118,22-23) os quais são interpretados como prefiguras da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Ou ainda, pelos acontecimentos que são confirmados pelas expressões do tipo “isto ocorreu para que se cumprisse o que fora dito pelo(s) profeta(s)” (Mt 1,22; 2,15.17.23; 4,14; 8,17; 12,17; 13,14.35; 21,4; 27,9; Lc 18,31; Jo 12,38) ou ainda, “para que se cumprisse a Escritura” (Jo 13,18; 15,25; 17,12; 18,9; 19,24.28.36; Lc 4,21; 22,37).

O segundo esquema, chamado de inserção/substituição, baseia-se no fato de que o NT é um tronco cuja raiz é o judaísmo e sua Tradição, fato que levou os escritores cristãos a utilizar *derashicamente* o espírito da Aliança (tyrb) e seus elementos principais, como componentes da Nova (kainh,)¹⁸ Aliança (diaqh,kh) selada na pessoa do Cristo morto e ressuscitado.

Dentro desta perspectiva, a figura do cordeiro pascal e o seu sangue (Ex 12,5.13.21-23) que resgata os primogênitos dos filhos dos hebreus na terra do Egito é aplicada e atualizada *derashicamente* à paixão e morte de Jesus. Deste modo, o sacrifício do crucificado é entendido como o sacrifício do Cordeiro¹⁹ que realiza a plenitude da Aliança pascal, resgatando todos os filhos e filhas de Deus (Ap 1,5; 5,9; 7,14; 12,11; Hb 9,12-14). É segundo este enfoque que a ceia derradeira de Jesus com seus discípulos toma um caráter de cumprimento da Nova Aliança²⁰, na qual o seu sangue é derramado em favor de muitos (Lc 22,20; Mc 14,24) e para o perdão dos pecados [*midrash* do sacrifício de Isaac] (Mt 26,28).

¹⁸ O adjetivo “καινή” (*nova*) ligado a Aliança (pacto), é encontrado no NT, somente em Paulo (1 Cor 11,25), Lucas (22,20) pela expressão: “ἡ καινή διαθήκη” e em Hebreus (9,15) “διαθήκης καινῆς” fazendo alusão ao texto do profeta Jeremias: “διαθήκην καινήν” (Septuaginta – 38,31); “ברית חדשה” (Texto Massorético – 31,31). Há ainda, o uso do advérbio “νέα” (*nova*) com o sentido de ‘recente’ que é utilizado em Hb 12,24: “διαθήκης νέας”.

¹⁹ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 438-439.

²⁰ Segundo Croatto, J.S., “Da Aliança rompida (Sinai) à aliança nova e eterna – Jeremias 11-20 + 30-33”, RIBLA 35/36 (2000), p. 100, esta releitura é de fundamental importância para o NT.

Segundo Muñoz León²¹, um aspecto importante do *derásh* cristológico refere-se à apresentação de Jesus de Nazaré como o Cristo. Assim, os escritos neotestamentários aplicam à sua pessoa os nomes, os atributos e as ações que, até então, as Escrituras aplicavam exclusivamente, ao Deus de Israel; entre os quais se destacam: *ku,rioij/Senhor* (há muitos exemplos de modo particular, nos escritos paulinos: Rm 10,3; Fl 2,10-11; Jo 1,1; 20,28) e *evgw. eivmi/Eu Sou* (Jo 8,24.28.58). Note-se porém que, quanto a esta última expressão, existe dentro do segundo esquema *deráshico*, um alargamento pelo acréscimo de novos elementos *deráshicos*, explícitos ou implícitos, que são atribuídos a Jesus, como por exemplo: “*Eu sou o bom pastor* (Jo 10,11-18)”²²; “*Eu sou o pão da vida; Eu sou o pão vivo descido do céu* (Jo 6,31-51)”²³; “*Eu sou a videira verdadeira* (Jo 15,1-8)”²⁴; “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14,6)”²⁵.

²¹ Muñoz León, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 213.

²² Segundo Muñoz León, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 419.475, a perícopete de Jo 10,11-18 seria um *midrash* de Ez 34,1-16 e Jr 23,1-4. Os dois textos proféticos denunciam a má conduta dos pastores a quem o povo fora confiado. E, por outro lado, anunciam um novo tempo, no qual, o rebanho será verdadeiramente pastoreado. O Senhor será, por meio do seu Ungido, o Pastor de seu povo. Assim, segundo o evangelista, em Jesus, o Cristo, realiza-se o cumprimento das promessas do Senhor. Jesus é o Bom Pastor; aquele que oferece a vida pelas suas ovelhas, resgatando-as das mãos dos salteadores e mercenários. Ele é quem as congregará e estas não mais viverão dispersas.

²³ Segundo MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 434-435, a perícopete de Jo 6,31-51 seria um *midrash* do relato do êxodo sobre o maná dado por Deus por meio de Moisés (uma prefigura do pão dado por Jesus). Assim, os fariseus, os opositores de Jesus (na verdade, opositores dos cristãos, na época em que o quarto evangelho foi escrito!) afirmam: “nossos pais comeram no deserto” (v.31) em oposição ao alimento por excelência que, segundo o evangelista, Jesus oferece à sua comunidade: sua carne. Note-se também, que este exemplo estaria mais de acordo com o terceiro esquema *midráshico* (oposição/contraposição).

²⁴ Segundo MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 465, a perícopete de Jo 15, 1-8 seria um *midrash* de Isaías 5,1-6, onde Israel e Judá são designados como a “vinha do Senhor” que devia produzir bons frutos para o seu Senhor. De fato, na perícopete do quarto evangelho, faz-se uma releitura e uma atualização do anúncio de Isaías. A videira verdadeira é Jesus e a comunidade de fé, os discípulos (seus seguidores), unidos a Ele formam a nova vinha, o novo Israel. Portanto, a comunidade é chamada a produzir bons frutos para o seu Senhor. Segundo o evangelista, os ramos (discípulos) que permanecem unidos à vinha verdadeira que é Cristo serão capazes de produzir os bons frutos.

²⁵ Segundo MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 225.500, em Jo 14,6 encontra-se um *midrash* sobre a *Torá*. Os três elementos: caminho, verdade e vida nos remetem à realidade da *Torá*. De fato, na tradição de Israel a *Torá* é caminho de verdade e de vida. O judeu piedoso que se deixa guiar e orientar pela

O terceiro e último esquema chamado de oposição/contraposição baseia-se segundo o autor, na radicalização das exigências evangélicas, principalmente no que se refere à interpretação das prescrições legais do judaísmo e na excelência²⁶ da Aliança realizada em Cristo, frente às prefigurações da mesma encontradas nas Escrituras. Um exemplo disto estaria presente no capítulo quinto do evangelho segundo Mateus (Mt 5,21-48), no qual se encontram as chamadas “antíteses” introduzidas pela expressão “ouvistes o que foi dito... eu, porém, vos digo”²⁷.

Deve-se observar porém, que tais ditos de Jesus convidam ao mesmo tempo, a uma superação²⁸ das Escrituras (ou de uma Tradição anterior) o que não significa desprezo por ela, mas sim busca de seu sentido pleno e original. Desta forma, o autor neotestamentário contrapõe um preceito dado por Moisés e o seu respectivo aprofundamento dado por Jesus.

Na prática, este seu modo de ensinar nos mostra como Jesus estava perfeitamente integrado nesta dinâmica de abertura inerente à *Torá* de Israel. De fato, como todo mestre (*rabbi*) judeu do seu tempo, Jesus atualiza e aprofunda o sentido das Escrituras aos seus discípulos²⁹. O radicalmente novo destas “antíteses” evangélicas, com base na continuidade, consiste não tanto no conteúdo ensinado, mas sim, no modo como é apresentada a fala de Jesus, ou seja, o evangelista reconhece nele a autoridade do próprio Deus, o Santo de Israel, colocando um discurso direto em primeira pessoa: “Eu, porém, vos digo”³⁰.

Outro exemplo importante que segue o terceiro esquema pode ser encontrado na teologia da justificação, amplamente trabalhada por Paulo. O Apóstolo afirma que todo o gênero humano é justificado por Deus mediante a fé em Cristo morto e ressuscitado e não pela observância dos preceitos

Torá encontra o caminho de vida e verdade. Dentro desta perspectiva o evangelista afirma que Jesus é a *Torá* (Palavra) encarnada e convida sua comunidade a seguir este caminho de vida e verdade.

²⁶ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 450-451.

²⁷ Collin, M.- Lenhardt, P., *O EVANGELHO E A TRADIÇÃO DE ISRAEL*, p. 33.

²⁸ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 231.

²⁹ Este tipo de ensino consiste em dar corpo à *Torá* oral de Israel interpretando e buscando (*doresh*) o sentido atualizado da *Torá* escrita.

³⁰ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 34.

mosaicos³¹. Segundo Muñoz León³², há nesta teologia paulina, dois aspectos a serem considerados:

- 1) Primeiro, um aspecto de inserção e continuidade que reside na necessidade de justificação tanto de judeus e gregos³³ diante de Deus, tendo como premissa sua afirmação de que “todos pecaram, por isso, todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23);
- 2) Segundo, um aspecto de ruptura que aponta para a plenitude da (nova) Aliança, que reside na ação e na obra salvífica realizada na pessoa do Cristo, justificação que se daria mediante a fé e a adesão à pessoa de Cristo morto e ressuscitado (Rm 3,22.26b). Sem esquecer porém, que esta obra de salvação é testemunhada pela *Torá* e pelos Profetas (Rm 3,21), como afirma o próprio apóstolo Paulo.

Os três esquemas *midráshicos*, anteriormente descritos, nos levam a constatar que, de fato, a reflexão teológica neotestamentária quer seja de conteúdo cristológico, soteriológico, escatológico, apocalíptico e/ou jurídico está profundamente enraizada na Aliança do Senhor com o povo de Israel³⁴, de modo tal que, para atingir seu objetivo principal, aquele de fundamentar a sua proclamação de fé, os autores do NT não conheceram limites quanto ao recurso às Escrituras.

3. O DERÁSH NA OBRA LUCANA (LC-AT)

A obra lucana (Lc-At), enquanto parte do cânon do NT, está inserida no processo de formação das tradições cristãs. É, portanto, fruto deste longo processo oral que culminou com o surgimento das tradições cristãs escritas por volta do ano 80-95 d.C.. Dentro deste processo, o autor sagrado, para dar corpo a sua obra, utilizou o método *deráshico* de atualização das Escrituras. De fato, como veremos a seguir, o esquema mais freqüente nos escritos lucanos é o da promessa/cumprimento.

³¹ Para quem deseja aprofundar o tema da justificação pela fé sugerimos o artigo de RODRÍGUEZ RUIZ, M., “¿Sigue en vigor la Alianza con el pueblo judío? Respuesta del Nuevo Testamento. *Estudios Bíblicos* 55 (1997), 393-403 (principalmente pág. 397).

³² MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 443-446.

³³ De acordo com a teologia paulina apresentada na Epístola aos Romanos 1-5.

³⁴ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 266.

O terceiro evangelho começa com um prólogo (Lc 1,1-4), a partir do qual muitos estudiosos enxergam o historiador grego que apresenta o seu objetivo e o destinatário de sua obra. Contudo, se nos detivermos no vocabulário utilizado nos versículos iniciais deste prólogo, nota-se que Lucas usa expressões tipicamente judaicas, e mais especificamente, elementos característicos da *Torá* oral dos fariseus. Entre os quais, os verbos *transmitir* e *receber* somados ao substantivo *ensinamento*. Este vocabulário característico faz parte do campo semântico da Tradição farisaica e é empregado tecnicamente para afirmar que a *Torá* é recebida (*qabbalá*) e transmitida (*messará*)³⁵.

Segundo a tradição farisaico-rabínica, o primeiro a receber a *Torá* diretamente de Deus foi Moisés, que a transmitiu aos anciãos da Grande Assembléia. Sendo que, a partir destes conceitos forma-se a relação mestre-discípulo, encontrada no judaísmo rabínico. É na sinagoga, mais precisamente, na “*beit ha midrash*”, o lugar no qual os mestres *transmitem* o que *receberam*, como um ensinamento que deve ser, sucessivamente, *transmitido* e *recebido* garantindo assim, a continuidade do mesmo. Dentro deste contexto sinagoga, podemos ao menos suspeitar que o autor do terceiro evangelho conhecia esta Tradição e utilizou-se dela.

Devemos ainda, destacar a utilização do verbo *cumprir*. Segundo o próprio autor, seu objetivo é narrar, ordenadamente, após uma apurada *investigação* (busca-*derash*) “os fatos que se cumpriram...” (Lc 1,1). De fato, a idéia do *cumprimento* é sublinhada não somente no prólogo, mas ao longo de toda a obra lucana.

Esquema semelhante pode ser encontrado na perícopa lucana tida como a síntese do terceiro evangelho (Lc 4,16-21), ou melhor, da identidade e da missão de Jesus. Neste relato, Lucas, ao levar Jesus à sinagoga de Nazaré em dia de sábado³⁶, insere-o³⁷ na Tradição genuinamente judaica. Não apenas no que se refere ao lugar, mas principalmente, quanto ao vocabulário utilizado,

³⁵ Collin, M.- Lenhardt, P., *O EVANGELHO E A TRADIÇÃO DE ISRAEL*, p. 45.

³⁶ “... como era seu costume” (Lc 4,16).

³⁷ Esta inserção já fora manifestada no início do evangelho de Lucas, por meio de duas narrativas. 1) O relato da apresentação de Jesus, onde se descreve a subida de José e Maria, com o menino, ao Templo de Jerusalém para cumprir os preceitos da *Torá* de Moisés, por ocasião da purificação da mãe (Lc 2,22-24); 2) O relato da subida de José, Maria e o menino a Jerusalém, no qual se enfatiza que eles realizavam a peregrinação por ocasião da festa da Páscoa, todos os anos, como de costume (Lc 2,41-42).

a começar pela citação explícita de um texto profético (Is 61,1-2). E mais, o verbo *abrir*, somado à expressão “*está escrito*” faz parte do vocabulário técnico farisaico quanto à leitura das Escrituras no culto sinagagal. Vejamos:

Jesus *abre* o rolo, isto é, as Escrituras. Este gesto reafirma a fé do evangelista e de sua comunidade que é Jesus quem *abre* as Escrituras, ou mais precisamente, os textos proféticos atingem sentido pleno em Jesus, o Cristo. É, portanto, sua pessoa (missão e anúncio) que, segundo Lucas, *abre* o sentido dos textos proféticos³⁸. Note-se que utilizando o método *deráshico* de recurso às Escrituras, Lucas afirma “*hoje se cumpre a Escritura que acabais de ouvir*” (Lc 4,21). Portanto, Ele, Jesus de Nazaré, realiza o cumprimento da Escritura: Ele é o ungido, o *Messias* (o Espírito está sobre Ele) esperado. Todos têm os olhos fixos nEle, vêem-no e maravilham-se de suas palavras. Jesus realiza “*o ano da graça do Senhor*” (Lc 4,19). De fato, o tempo completou-se, isto é, *cumpriu-se!* É, portanto, tempo de proclamar a boa notícia aos pobres, a libertação aos cativos! Cumpriu-se o tempo do resgate, Ele é o *goel* (laGoo)³⁹ de Israel!

Por outro lado, na narrativa da aparição do Ressuscitado aos dois discípulos no caminho para Emaús (Lc 24,13-35), temos um exemplo característico e didático do *derash* cristão. Lucas, de modo muito claro, nos apresenta Jesus morto e ressuscitado como aquele que cumpre as Escrituras⁴⁰, ao mesmo tempo em que Ele próprio torna-se luz, chave de interpretação do sentido das Escrituras, sintetizadas pelo evangelista por meio da expressão “em Moisés (*Torá*), nos *Profetas* e em todas as *Escrituras*”⁴¹.

³⁸ Segundo Collin, M.- Lenhardt, P., *O evangelho e a tradição de Israel*, p. 25, Lucas utiliza com grande habilidade o sentido do verbo *abrir*, principalmente no que se refere “a abertura do sentido da Escritura”. É um uso tão evidente que, em geral, é utilizado em sentido técnico. O mesmo sugere Rigato, M.L., “Mosè e i Profeti” in *Chiave Cristiana: un pronunciamento e un midrash* (Lc 16,16-18+19-31), *Rivista Biblica* 45 (1997), 143-177 (principalmente nas págs. 158-159).

³⁹ Segundo Schökel, L.A., *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 125, a raiz hebraica נָסַח possui o sentido de resgatar, redimir, recuperar, reclamar, responder em lugar de/por.

⁴⁰ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 402.

⁴¹ Segundo RIGATO, M.L., “Mosè e i Profeti” in *Chiave Cristiana: un Pronunciamento e un Midrash* (Lc 16,16-18+19-31), *Rivista Biblica* 45 (1997) 143-177, a expressão lucana “Moisés e os *Profetas*” é utilizada pelo evangelista como uma verdadeira chave hermenêutica.

Deste modo, Lucas afirma que Moisés (ou seja, pela *Torá*) e todos os *Profetas*⁴² se direcionam, no seu sentido pleno para a figura do Messias morto e ressuscitado. Contudo, Lucas não se detém aí, utilizando mais uma vez o vocabulário farisaico do culto sinagagal e da Tradição judaica, aplica-o à pessoa do Cristo.

De fato, quando Jesus ressuscitado lhes *abria* as Escrituras (*Torá* e os *Profetas*), isto é, Ihas interpretava, o coração dos dois discípulos ardia; em outras palavras, o seu coração “se aquecia”. Aqui temos uma vez mais a aplicação do vocabulário farisaico referente à *Torá*. Segundo a Tradição talmúdica, o bom intérprete das Escrituras refaz no seu presente a experiência da escuta da palavra pronunciada por Deus ao seu coração. É o que acontece com aqueles discípulos que interpretam sua experiência como um resultado daquele eco direto que acompanha a revelação da Palavra pronunciada por Deus no monte Sinai⁴³.

Na segunda e última parte do capítulo 24, Lucas encerra seu evangelho narrando um encontro do Ressuscitado com seus discípulos. Porém, antes de descrever suas últimas instruções, o autor afirma, de forma explícita, que Jesus morto e ressuscitado é o pleno cumprimento das Escrituras (Lc 24,44). Neste episódio, as Escrituras são descritas de modo tripartite, o modo farisaico de compreender as Escrituras (*Torá* de Moisés, *Profetas* e *Salmos [Escritos]*)⁴⁴. E, mais uma vez, utiliza-se o verbo *abrir* (diano, gw) na expressão “*abriu-lhes a mente para compreenderem as Escrituras*” (Lc 24,45) pois, “*assim está escrito que o Cristo devia padecer, mas ressuscitaria dentre os mortos ao terceiro dia*” (Lc 24,46). A partir desta visão de conjunto de Lc 24, estamos de pleno acordo com Água Pérez que o descreve como a lição por excelência, da hermenêutica *deráshica* cristã⁴⁵.

Por outro lado, no segundo livro da obra lucana, os Atos dos Apóstolos, existe também um acentuado recurso às Escrituras. O que torna impossível,

⁴² Segundo FIGUERAS, P., “Syméon et Anne, ou le témoignage de la Loi et des Prophètes”, *Novum Testamentum* 20 (1978), p. 87, em Lucas, Moisés desempenha o papel da figura da *Torá* como primeiro testemunho messiânico. Seu testemunho é acompanhado pelo dos Profetas, isto é, dos escritos proféticos da Escritura que, na Bíblia hebraica, estão contidos nos livros históricos (os Profetas Anteriores) e nos Profetas propriamente ditos (os Profetas Posteriores).

⁴³ Collin, M.- Lenhardt, P., *O evangelho e a tradição de Israel*, p. 24.

⁴⁴ PERANI, M., “Il processo di canonizzazione della Bibbia ebraica”, *Rivista Biblica* 48 (2000), p. 391-398.

⁴⁵ ÁGUA PÉREZ, A., *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*, p. 287.

ao menos neste breve estudo, fazer uma apresentação completa da mesma. Podemos no entanto, destacar alguns elementos importantes ao longo do livro, principalmente, “nos discursos kerigmáticos” (At 2,14-39; 3,12-26; 4,9-12; 5,29-32; 10,34-43; 13,16-41). Tais discursos têm como ponto central o testemunho apostólico de que após sua paixão, crucificação e morte, Jesus ressuscitado é exaltado à direita de Deus, sendo constituído Senhor e Cristo⁴⁶.

Em At 2, o relato *aggádico* do derramamento do Espírito é seguido de um *midrash* homilético, o qual explica o evento salvífico à luz das Escrituras. Lucas se utiliza do profeta Joel (3,1-5) e afirma que aquela profecia acabara de ser cumprida. Este relato testemunha a fé de Israel de que nos últimos dias (tempos messiânicos), o Espírito do Senhor seria derramado sobre todo o povo. Na seqüência desta narrativa homilética de At 2, para fundamentar a fé na ressurreição de Jesus como o Messias davídico, o autor continua seu trabalho *deráshico* e, para tal, utiliza trechos de dois Salmos (16,8-11; 110,1).

No discurso kerigmático de Lc 4, o evangelista utiliza *deráshicamente*⁴⁷ o Salmo 118. Seu objetivo é fundamentar o testemunho de Pedro e João diante do Sinédrio de que o Nazareno crucificado, entregue à morte e, portanto, rejeitado pelos construtores, “*tornara-se a pedra fundamental*” (Sl 118,22).

Quanto a Atos 7, um importante marco da obra lucana, no qual é narrado o longo discurso de Estevão diante do sumo sacerdote, nota-se que o autor compõe uma das perícopes mais recheadas, senão a mais recheada, de citações explícitas e implícitas das Escrituras em todo o NT. De fato, Lucas, com muita habilidade, apresenta aos seus leitores uma majestosa síntese dos atos salvíficos mais importantes operados pelo Senhor ao longo da história de Israel. Para isto, faz-se memória dos Patriarcas, da libertação do jugo do Faraó, da revelação do Senhor, da Aliança no Sinai (tendo Moisés como intermediário), da posterior conquista e posse da terra da promessa, do tabernáculo no deserto dos reis Davi e Salomão e, por fim, do exílio da Babilônia. O discurso de Estevão é concluído com uma visão, cujo conteúdo é kerigmático e cristológico: “Vejam, eis que contemplo os céus abertos e o Filho do Homem de pé, à destra de Deus” (At 7,56).

CONCLUSÃO

A história da formação do judaísmo e de suas Escrituras mostra-nos que o esquema de releitura e interpretação dos fatos marcantes da história de Israel à luz da fé no Deus Altíssimo, é algo permanente (não ocasional) ao longo da sua experiência religiosa e da auto-compreensão que o povo da Aliança tem de si mesmo e de sua relação com o seu Senhor⁴⁸.

As raízes judaicas do cristianismo nos levam a admitir que este modo de interpretar a presença de Deus na história foi também assimilado e aplicado pelos círculos judeu-cristãos que professavam a fé em Jesus morto e ressuscitado como o Messias esperado.

O trabalho hermenêutico cristão, de fato consistiu sobretudo em interpretar a “Torá e os Profetas” à luz da fé no evento Pascal de Jesus. Portanto, as Escrituras foram utilizadas para confirmar a proclamação cristã que se expandia progressivamente além dos limites históricos e territoriais do Antigo Israel.

Os autores neotestamentários, querendo fundamentar o kerygma cristão, utilizaram-se exegeticamente do único modo existente nas sinagogas para interpretar as Escrituras Sagradas, o método *deráshico*.

A título de exemplo, neste artigo, foi possível examinar algumas perícopes da obra lucana (Lc-At) e observar, ainda que de forma muito breve, como o autor sagrado aplicou em sua obra este método exegético e recurso hermenêutico.

Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa
Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção

⁴⁶ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 403.

⁴⁷ MUÑOZ LEÓN, D., *Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura*, p. 406.

⁴⁸ Farias, J. de F., “A história como motivo de oração nos Salmos”, *Estudos Bíblicos* 71 (2001), p. 42-52, afirma que os Salmos “*históricos*” (dentre os quais destaca os de número 77; 78; 105; 106; 107; 111 e 114) são, por excelência, exemplos desta releitura da ação do Senhor na história do povo da Aliança. Sendo que a memória histórica concentra-se no evento histórico - salvífico da libertação do Egito e da Aliança do Sinai.

BIBLIOGRAFIA

- Água Pérez, A., El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento, Valencia 1985.
- Caba, J., "Métodos exegéticos en el estudio actual del Nuevo Testamento", Gregorianum 73 (1992) 611-669.
- Collin, M.- Lenhardt, P., Evangelho e Tradição de Israel, São Paulo 1994.
- Croatto, J.S., "Da Aliança rompida (Sinai) à aliança nova e eterna – Jeremias 11-20 + 30-33", RIBLA 35/36 (2000) 97-108.
- Farias, J. de F., "A história como motivo de oração nos Salmos", Estudos Bíblicos 71 (2001) 42-52.
- Figueras, P., "Syméon et Anne, ou le témoignage de la Loi et des Prophètes", Novum Testamentum 20 (1978) 84-99.
- Ketterer, E.- Remaud, M., O midraxe, São Paulo 1996.
- Lenhardt, P.- Collin, M., A Torah oral dos fariseus. Textos da tradição de Israel, São Paulo 1997.
- Muñoz León, D., Derás. Los Caminos y Sentidos de la Palabra Divina en la Escritura, Madrid 1987.
- Passeto, E., "La influencia de la tradición oral de Israel en la tradición cristiana", El Olivo 19 (1995) 7-20.
- Perani, M., "Il processo di canonizzazione della Bibbia ebraica", Rivista Bíblica 48 (2000) 385-400.
- Rigato, M.L., "'Mosè e i Profeti' in Chiave Cristiana: un Pronunciamento e un Midrash (Lc 16,16-18+19-31)", Rivista Bíblica 45 (1997) 143-177.
- Rodríguez Ruiz, M., "¿Sigue en vigor la Alianza con el pueblo judío? Respuesta del Nuevo Testamento", Estudios Bíblicos 55 (1997) 393-403.
- Schökel, L.A., Dicionário Bíblico Hebraico-Português, São Paulo 1997.
- Spinetoli, O. da, "I problemi di Matteo 1-2 e Luca 1-2, orientamenti e proposte", Ricerche Storico Bibliche 4 (1/1992) 7-44.
- Trebolle Barrera, J., A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Introdução à história da Bíblia, Petrópolis 1996.